

quantidade e vinham de muitas nascentes, mas algumas práticas não muito adequadas de alguns vizinhos, como o desmatamento e o plantio exagerado de eucalipto, por exemplo, vem contribuindo para a seca na região. Para evitar que isso aconteça na sua propriedade, Paulão planta árvores nativas que estão desaparecendo, cultiva a mata no alto da sua lavoura e cuida muito bem da área ao redor das nascentes e dos cursos d'água. Como ele mesmo nos conta a terra descoberta não vai absorver como deveria a água da chuva e isso contribui para a diminuição da água, para a erosão e para a má qualidade do solo

A satisfação de Paulão em fazer parte da construção da agroecologia é de longe percebida! A todo momento ele mostra plantas que vieram dos intercâmbios e técnicas que lá aprendeu. Paulão sempre fala como as práticas agroecológicas aumentaram a qualidade de vida da família, de como a produção está cada dia mais diversificada, do orgulho de poder dar as filhas uma vida melhor e mais saudável e tudo isso sem contar com alegria de mostrar sua lavoura tão bonita e saudável, o solo cada vez mais forte e produtivo e a enorme variedade de "miúdos" por toda parte.

Mas apesar de tantas conquistas, muitos desafios ainda estão presentes. De acordo com a família, é muito importante que mais famílias agreguem ao movimento agroecológico, pois muitos vizinhos ainda utilizam práticas convencionais, com muito uso de insumos químicos e o uso irresponsável dos recursos natu-

rais, da água e da mata nativa. A comunidade também não está muito unida, o que enfraquece a luta por direitos e acesso às políticas públicas e também pela regulamentação e reconhecimento da identidade quilombola, tanto pelo governo como pelos próprios moradores.

Paulão, Ivanete, Carine e Katiane são mais uma família dentre muitas que, mesmo diante de todos os desafios, optaram por ter mais saúde na sua lavoura, na sua horta e nas suas vidas. Eles fazem parte de um movimento muito maior, a agroecologia, que vem conquistando melhorias na vida e na produção das famílias tradicionais do campo, visando um mundo mais justo, igualitário e mais saudável para todos.



Foto da equipe junto a toda a família, Paulão, Ivanete e suas filhas Catiane e Karine.
Foto: Leonardo Resende

Material produzido a partir da Excursão Científica do Projeto Comboio de Agroecologia do Sudeste (edital 81/2013 MCTI/MAPA/MDA/MEC/MPA/CNPq) a Rede de Núcleos de Agroecologia do Sudeste, que ocorreu no município de Divino/MG.

REALIZAÇÃO:

Comboio de Agroecologia do Sudeste e ECOAr (Edital 81/2013)
Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar (Sintraf) de Divino/MG

Autores: Demétrius Oliveira, Leonardo Brega Resende, Jéssica Stéphanie de Paula, Timothy Ongaro Orsi, Vitor Silveira e Vanessa Rena Guimarães Silveira.

Revisão: Irene Maria Cardoso, Rafael Mauri e Ramon da Silva Teixeira.

Fotografia: Vanessa Silveira, Vitor Rena e Leonardo Resende - **Ilustrações decorativas:** <http://br.freepik.com/>

Arte gráfica e diagramação: Rodrigo da Silva Teixeira

APOIO:



PLANTANDO UM FUTURO MELHOR - A HISTÓRIA DE IVANETE, PAULÃO, CARINE E KATIANE

Nº 36 - Julho de 2016

Agroecologia é cultura, é ciência, é natureza, história e sabedoria. E tudo isso está na vida e no dia a dia de homens e mulheres do campo que, com muito conhecimento e trabalho, vem traçando através do tempo uma história de resistência, luta e também de muitas conquistas.

A comunidade de São Pedro de Cima não é diferente disso, muito pelo contrário. Por ser uma comunidade tradicional quilombola, possui um papel muito especial na preservação e reconhecimento da cultura negra, tão significativa no nosso país. A história da comunidade se desenha através da narrativa da família de Ivanete e Paulão. A família possui uma trajetória cheia de luta, desafios, conquistas e bons casos para contar! Tudo começou com a chegada de dois antepassados que demarcaram suas terras a partir de uma samambaia! Isso mesmo, a samambaia, era chamada naquela época de Pau Cruz e como um deles era muito evangélico e não possui a cruz como símbolo, resolveram os dois que o evangélico ficaria com as terras de baixo, onde não havia muita samambaia, hoje São Pedro de Baixo e o outro ficaria com as terras de cima, hoje São Pedro de Cima, atualmente uma comunidade quilombola, onde vive Ivanete, Paulão e as filhas Catiane e Karine.

O tempo foi passando, as famílias crescendo, as terras se dividindo e os conflitos aparecendo.

Questões como preconceito, racismo e desigualdade racial assombram nossa sociedade desde muito tempo. Na comunidade de São Pedro de Cima, esses males começaram a ser enfrentados quando as professoras Dalgiza e Cida, ao notar uma clara distinção no tratamento entre os alunos negros e os brancos, iniciaram um longo processo de combate ao racismo e à desigualdade impostos àqueles jovens e a toda comunidade. Várias iniciativas foram tomadas, como palestras de conscientização e valorização da identidade negra, informações acerca de políticas públicas existentes e sobre seus direitos como cidadãos, além da apresentação de várias expressões culturais com o intuito de mostrar aos moradores de São Pedro de Cima o quão forte e bonita é sua cultura. A partir destas ações, membros da comunidade começaram a participar do movimento negro, com o incentivo inclusive de projetos de extensão da Universidade Federal de Juiz de Fora.

A luta por igualdade e direitos se fez cada vez mais importante e hoje eles reconhecem que a participação no movimento negro, para além dos limites de Divino, não só fortaleceu a identidade coletiva como mudou toda uma história, que antes era de preconceito e inferioridade, é hoje de luta, resistência e muita cultura.



No primeiro plano vê-se a lavoura da família e ao fundo a Comunidade de São Pedro de Cima e a casa de Ivanete e Paulão. Foto: Vanessa Silveira

O Processo de Transição Agroecológica

Muitas são as vezes que observamos a grande importância da mulher na transição agroecológica. Afinal de contas, é muito comum a mulher estar mais ligada aos cuidados da horta e a qualidade da alimentação da família, o que por si só já é uma boa abertura para a agroecologia. E não é diferente no caso da Ivanete, que sempre se preocupa com a qualidade do alimento que coloca dia após dia na mesa de sua casa. Foi ela quem incentivou a família a parar de vez com o uso de agrotóxico na lavoura. Ela nos conta que desde que adoeceu, há mais ou menos cinco anos atrás, disse a Paulão que não usasse mais veneno na lavoura, pois essa prática poderia estar sendo responsável por problemas de saúde na família. Desde então, Paulão não usa mais agrotóxico, o que garante não só mais saúde à família, mas também um cuidado muito especial com o meio ambiente. Ivanete é um exemplo de como a mulher tem papel fundamental na ação e transformação da realidade.

E Paulão assina em baixo! Ele nos conta que muitas coisas mudaram desde que parou de usar agrotóxicos: *“Porque você evita de fazer uma conta sem futuro, sem aproveitamento. Na área da saúde é cem por cento de melhoramento. É melhor tanto pra saúde quanto pro bolso”*.

Logo nessa época, a família começou a



Paulão mostrando a diversidade de sua lavoura. Foto: Vanessa Silveira

participar dos intercâmbios de saberes, promovidos pelo Sindicato da Agricultura Familiar de Divino, Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata mineira (CTA-ZM) e Universidade Federal de Viçosa (UFV). Paulão gosta muito de contar que com os intercâmbios leva-se e traz-se muitos conhecimentos, técnicas de manejo sustentável, mudas, sementes e claro, muitos sonhos. Essas sementes foram cultivadas pela família que também fizeram germinar a vontade cada vez mais forte de cultivar a terra de forma responsável e com respeito à natureza.

Esse cuidado se manifesta de diversas maneiras, como na transição da monocultura de café para um sistema mais diversificado, com árvores, o que nós chamamos de sistema agroflorestal. Segundo Paulão *“se brotou uma árvore no cafezal é porque ela vai ser boa pra ele”*. E com isso, hoje já se nota várias árvores nativas na lavoura de café, o que proporciona mais conforto na hora do trabalho, mais alimentos para a família, pois muitas destas árvores são frutíferas e ainda atraem bichos como os passarinhos e as abelhas que ajudam a cuidar da mata e da lavoura. Além das árvores, Paulão adora mostrar seus “miúdos”, sempre afirmando *“que nada é mato, tudo serve para alguma coisa!”*. E com isso, a família tem uma farmácia na lavoura, cheia de plantas medicinais e nutritivas.

O Melão de São Caetano, por exemplo, é bom para combater o Alzheimer, combate células cancerígenas e ainda cura resaca. Já o picão é bom para tiriça e aquele amarelão que alguns chamam de hepatite, é antibiótico natural, pode-se tanto fazer o chá como comê-lo, misturando na couve ou no almeirão. Tem também o cipozinho, que chamam de cura tombo, por que é bom para quem cai e se machuca e a erva amor (ou erva moura) que se pode comer os frutinhas pretos e a folha refogada, é tranquilizante e ajuda a dar sono. E tem receitinhas para os animais também, como o “mentraço” ou “mentrúcio”, um forrageiro que se mistura na ração para a porca entrar no cio e também casco de tatu para ajudar a “desenfezar” o porco... E por aí vai, dezenas de receitas do Paulão, para tudo que se imaginar!

Com os “miúdos” a alimentação da família também está garantida! Além da fartura, da riqueza nutricional e diversidade dos alimentos, a economia está na mesa! Enquanto caminhávamos pela lavoura, Ivanete colhia nosso almoço e é assim que costumam fazer. Praticamente não precisam comprar alimento e ainda podem vender o excedente. A diversificação também garante outro ponto importante em uma propriedade: não depender de um só produto, como o café, o que garante que seja possível comercializar todo o ano vários produtos. Afinal, como nos conta Paulão, *“só café não dá, no final a gente passa aperto”*.

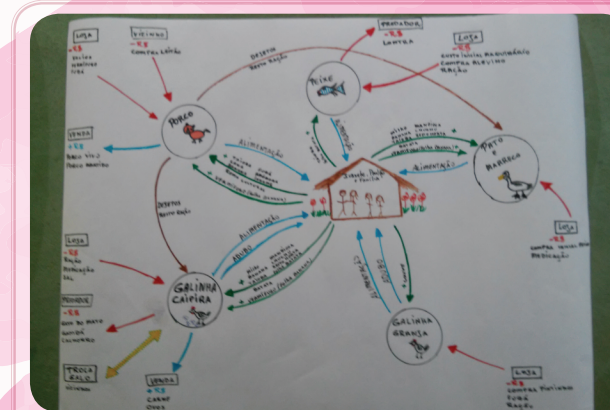
E somente com uma voltinha na lavoura, vimos uma diversidade enorme! Tinha mexerica candongueira, abacate nanico, varias bananeiras como a nanica, nanicão, a prata nanica, três pencas, três quinãs e a banana-pão, abacaxi roxo e abacaxi amarelo, uma enorme variedade de mandioca como a espanta miséria, a vassourinha, cacau e bico de arara, batatas, cana caiana e cana roxa, taioba, cipó cura tombo, erva moura, capoeira branca, bambu gigante e bambu amarelo, ameixa amarela, trançagem, begônia, bico de pato, limão, laranja, Melão de São Caetano, amora, eucalipto preto, jacaré, cedro rosa, jussara, canela amarela, quaresminha roxa, pau-brasil, pitanga, pororoca, murici e muito mais!

A família de Paulão e Ivanete também possuem muitos animais em sua propriedade. Veja, no desenho, o fluxo alimentar e financeiro que envolve a criação animal. Na propriedade tem galinha caipira, pato, marreco, peixe, porco, e algumas galinhas de granja comercial. Ivanete e Paulão se orgulham em



Paulão apresentando a qualidade da água de suas nascentes, dando de beber a toda equipe em folha de bananeira. Foto: Vitor Rena

falar que seus animais são saudáveis e têm uma alimentação muito diversificada, pois eles comem taioba, milho, banana, mandioca, abóbora, chuchu, batata e restos de culturas. Ivanete explica que costuma fornecer folha de bananeira como vermífugo para as aves. As galinhas se alimentam de restos da horta, que em troca, fornecem o adubo. Os peixes se alimentam de ração, taioba e restos de culturas. Os animais são utilizados para a alimentação da família, sendo o excedente comercializado, o que aumenta a fonte de renda da família. Os ovos das galinhas caipiras são usa-



Fluxograma animal da propriedade feito juntamente com a família como parte da metodologia do Projeto Comboio Agroecológico Sudeste. Foto: Leonardo Resende

dos por Ivanete no preparo de delicias como bolos, broas, biscoitos, bolinhos de polvilho e muitas outras receitas. Paulão identificou durante a construção do diagrama que o peixe era o animal que tinha um custo mais elevado por ter que comprar ração e alevinos, já que todos os alimentos que forneciam para as outras criações eram cultivados na propriedade da família. A compra de leitões e das vacinas são outros gastos com a criação animal.

A divisão do trabalho da família mostra que todos trabalham muito, tanto na lavoura e na horta, como na casa e ao redor dela. E ainda trabalham fora, como é o caso de Paulão e Ivanete. As filhas, Carine e Katiane estudam e ajudam os pais em todas as atividades. A harmonia se nota não só na lavoura, mas principalmente dentro de casa.

O cuidado com a natureza é parte imprescindível na filosofia da família. Afinal de contas, é ela quem vai propiciar todo o bem necessário. A começar pelas águas que, como nos conta Paulão, antes existiam em maior